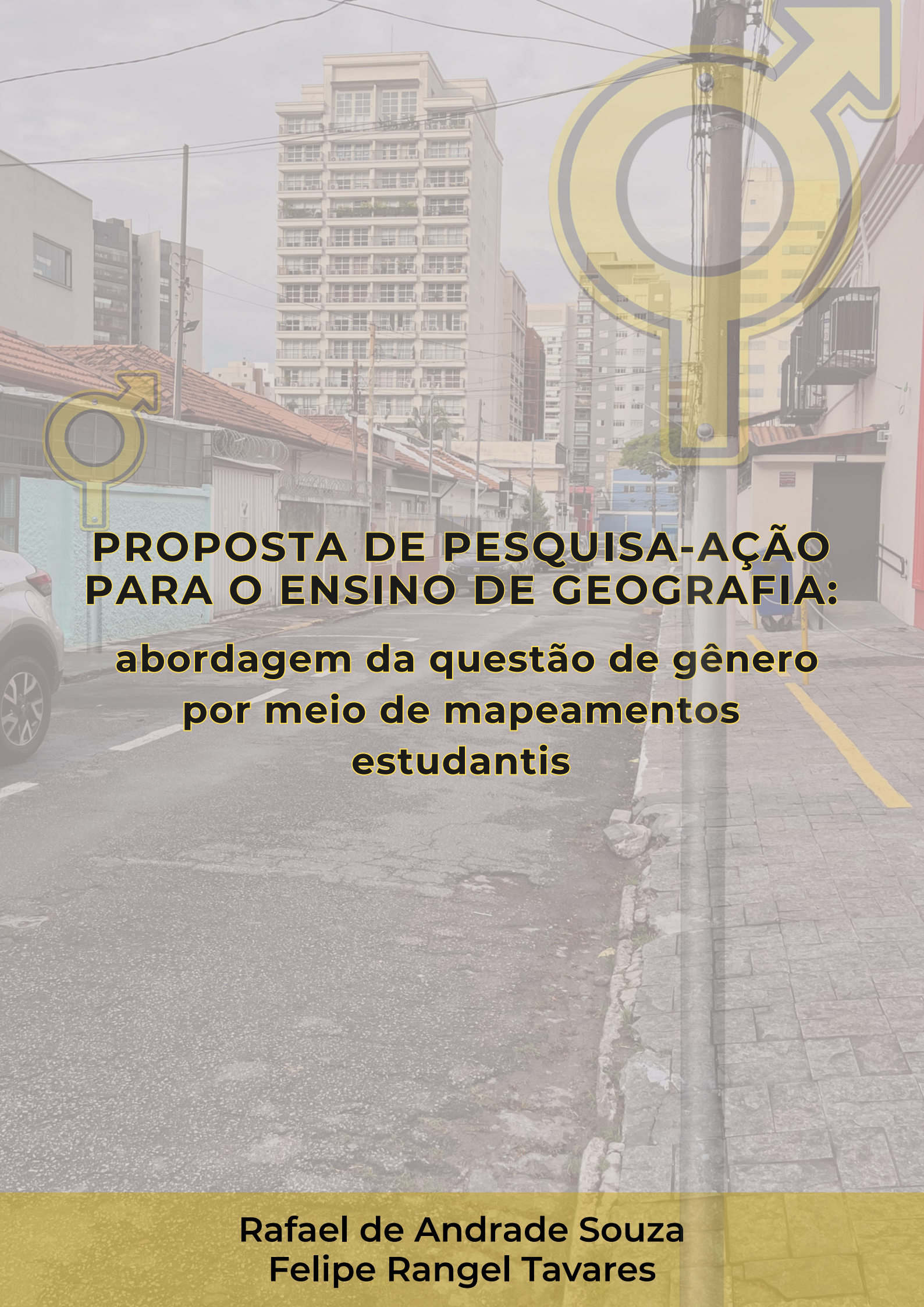




PROPOSTA DE PESQUISA-AÇÃO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA:

**abordagem da questão de gênero
por meio de mapeamentos
estudantis**

**Rafael de Andrade Souza
Felipe Rangel Tavares**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Toponímia e patriarcado [livro eletrônico] : uma proposta de mapeamento por meio da pesquisa-ação com estudantes / Rafael de Andrade Souza, Felipe Rangel Tavares. -- Rio de Janeiro : ProfGeo-UERJ, 2026.

PDF

Bibliografia.

Programa de Ensino: Pós-Graduação em Ensino de Geografia (PPEG), Instituto de Geografia - UERJ (IGEOP) Curso de Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede Nacional (PROFGEO).

ISBN 978-65-83703-17-0

1. Desigualdade 2. Educação 3. Geografia (Ensino fundamental) 4. Justiça social 5. Mulheres - Aspectos sociais 6. Patriarcado 7. Pesquisa-ação 8. Toponímia
I. Souza, Rafael de Andrade. II. Tavares, Felipe Rangel.

26-371674.3

CDD-372.891

Índices para catálogo sistemático:

1. Geografia : Ensino fundamental 372.891

Camila Aparecida Rodrigues - Bibliotecária CRB -
SP-010133/O



Ficha técnica

Título do Produto Educacional: Toponímia e patriarcado: uma proposta de Mapeamento por meio da pesquisa-ação com estudantes

Autores: Rafael de Andrade Souza, Felipe Rangel Tavares

Público Alvo: Professores de Geografia da Educação Básica, especialmente do Ensino Fundamental - Anos Finais

Vínculo do Produto Educacional: Dissertação: Toponímia e patriarcado: uma proposta de mapeamento por meio da pesquisa-ação com estudantes

Programa de Ensino: Pós-Graduação em Ensino de Geografia (PPEG), Instituto de Geografia - UERJ (IGEIOG) Curso de Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede Nacional (PROF GEO)

Instituição Associada: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Linha de Pesquisa: Saberes e conhecimentos da Geografia no espaço escolar

Palavras-chave: toponímia. patriarcado. pesquisa-ação. ensino de geografia. Geografias Feministas

SUMÁRIO

Apresentação	01
Aportes teórico-metodológicos: o rigor como compromisso ético	03
O reencontro com a universidade	04
A ética da nomeação e a priorização das autorias femininas	05
A pesquisa-ação e a construção da coautoria	06
Cartografia Escolar: do pioneirismo aos multiletramentos	07
Sequência didática em pesquisa-ação para análise do patriarcado inscrito na toponímia urbana	08
Aplicação da sequência didática	09
Sequência didática - Encontro 1	10
Sequência didática - Encontro 2	12
Sequência didática - Encontro 3	15
Sequência didática - Encontro 4	17
Sequência didática - Encontro 5	19
Sequência didática - Encontro 6	22
Sequência didática - Encontro 7	25
Sequência didática - Encontro 8	29
Considerações finais	31
Referências	33

Apresentação

Por que debater gênero na geografia escolar?

Este recurso educacional nasce da convicção de que a Geografia Escolar possui um compromisso inadiável com a justiça social. Diante de um cenário de violência contra a mulher que se revela crescente — seja pela expansão das notificações ou pela gravidade dos casos —, debater gênero na escola torna-se uma urgência inadiável. Afinal, a cidade comunica, através de seus nomes, quem possui direito à memória e quem deve ser sentenciado ao silenciamento; quando as mulheres são apagadas da paisagem urbana, o patriarcado opera uma violência simbólica que naturaliza a exclusão.

Minha posicionalidade nesta trajetória emerge de quase 20 anos de atuação docente e da constatação de que também carrego em meu corpo — homem, branco, cis-heteronormativo — uma "cegueira patriarcal" que, historicamente, resultou em silenciamentos e epistemicídios. O deslocamento decisivo para a construção deste estudo ocorreu durante uma aula de campo em Niterói. Enquanto observávamos a influência estrangeira e eurocêntrica nos nomes dos edifícios — em uma cidade de origem indígena que ainda preserva essa raiz em sua toponímia —, foram as estudantes que identificaram a imposição patriarcal na malha urbana e lançaram o questionamento fundamental:

"Por que tão poucas mulheres?"

Assim, este guia é a prova de que o compromisso com uma sociedade igualitária é de todas, mas também de todos. Ele convida professoras e professores à valorização dos deslocamentos que o fazer docente possibilita, reafirmando a educação como potencial de transformação social. Apresenta-se aqui uma oportunidade significativa de romper com práticas pedagógicas descontextualizadas para retomar o objetivo central de qualquer processo educativo: a(o) aluna(o) e sua capacidade de ler e intervir criticamente no mundo.

Aportes teórico-metodológicos: o rigor como compromisso ético

O presente recurso educacional fundamenta-se na premissa de que o fazer docente é, em si, um campo legítimo de produção científica. É a partir dessa compreensão que se torna necessário também refletir sobre a forma como nomeamos essa produção. Nesse sentido, optamos pelo uso do termo recurso educacional, em detrimento da expressão “produto educacional”. Embora amplamente adotado no âmbito acadêmico, o termo “produto” sugere a ideia de algo finalizado, estático e passível de reprodução linear, o que não se alinha à natureza desta proposta, construída no contexto da pesquisa-ação e marcada por seu caráter processual, aberto e em constante transformação.

Por outro lado, reconhece-se que a expressão recurso educacional é frequentemente utilizada de maneira ampla e, por vezes, genérica, referindo-se a ferramentas ou estratégias didáticas pontuais. Ainda assim, sua adoção, neste trabalho, constitui uma escolha teórico-metodológica consciente, pois permite evidenciar o caráter adaptável, coautorial e não prescritivo da proposta, reafirmando-a como prática pedagógica em construção, passível de recriação em diferentes contextos escolares.

Para além da técnica, o rigor aqui manifestado constitui um compromisso ético: o de afastar qualquer pretensão de ser 'porta-voz' de vivências que, embora atravessem meu fazer docente, não habitam meu corpo-espaco específico. Nesse sentido, o embasamento teórico, metodológico e político adotado é o que fundamenta e viabiliza a autenticidade desta coautoria.

O reencontro com a universidade

Para muitos de nós, professoras e professores com anos de trajetória, a universidade pode parecer um espaço distante ou até inacessível após tanto tempo no exercício da profissão. Entretanto, os mestrados profissionais, com destaque para o Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede Nacional (PROFGEO), revelam-se programas fundamentais para validar nossas práticas e reintegrar o profissional da educação básica ao ambiente acadêmico. Este recurso é também um convite: a universidade é o nosso lugar, e o retorno ao universo da pesquisa acadêmica — mesmo que pareça tardio — é um potente ato de valorização da nossa carreira e de transformação social.

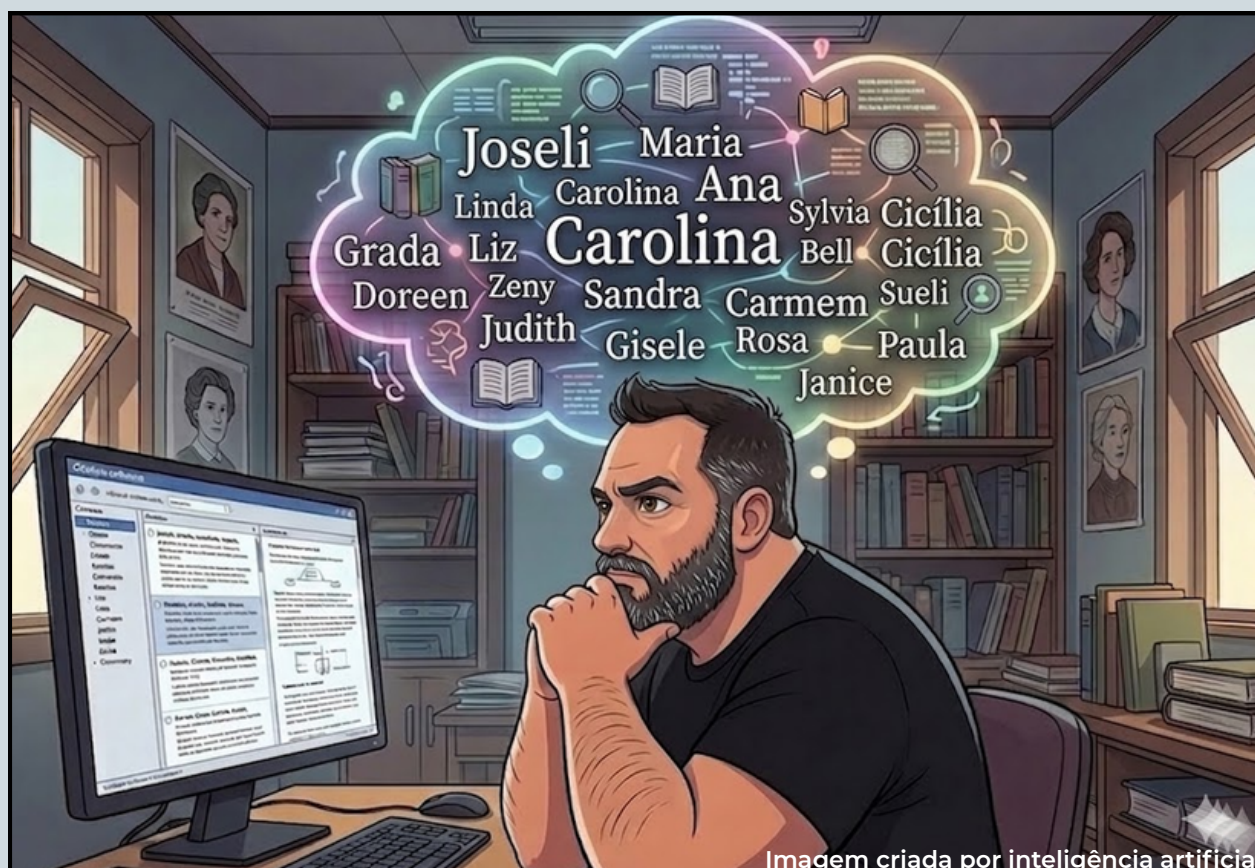


Imagem criada por inteligência artificial

A ética da nomeação e a priorização das autorias femininas

Para que este guia pudesse pesquisar o patriarcado na toponímia, foi necessário que sua própria estrutura rompesse com silenciamentos históricos. Estabelecemos escolhas políticas e metodológicas rigorosas:

Representatividade: Apenas cerca de 20% das referências que sustentam esta investigação são de autoria exclusivamente masculina.

O Prenome como resistência: Adotamos a prática de citar o primeiro nome (prenome) de todas as autoras e autores. Recusamos a tradição patriarcal de citação apenas pelo sobrenome (historicamente vinculado ao marido ou pai), que pode invisibilizar a pesquisadora.

Geografias Feministas e diálogos interdisciplinares: O embasamento nas Geografias Feministas — no plural, em reconhecimento à sua pluralidade interna e complementaridade analítica — é o que viabiliza a compreensão do espaço como uma camada de dominação, tanto em sua dimensão material quanto simbólica. Para isso, estabelecemos um diálogo interdisciplinar que fortalece a ciência geográfica através de autorias fundamentais para a análise do espaço e das relações de poder. Mobilizamos não apenas geógrafas, mas intelectuais de diversos campos do saber cujas contribuições são pilares para este estudo, tais como Joseli Silva, Susana Veleda da Silva, Doreen Massey, Linda McDowell, Liz Bondi, Silvia Federici, Ana Carolina Barbosa, Carolina Simon, bell hooks, Maria Vicentina Dick, Sueli Carneiro e Gayatri Spivak, dentre muitas outras.

A pesquisa-ação e a construção da coautoria

A pesquisa-ação foi a estratégia fundamental para garantir que este trabalho não fosse construído sobre o corpo discente, mas com as pessoas que o compõem. Baseada no diálogo com Cicília Peruzzo (2016), Maria Amélia Santoro Franco (2005) e Michel Thiollent (1986), essa metodologia permitiu os deslocamentos necessários para uma escuta sensível e mediadora de processos. É através desse método que a coautoria se efetiva: a pesquisa-ação garante que a investigação não termine em si mesma, mas que produza uma ação transformadora na realidade escolar, permitindo que estudantes tomem decisões, exerçam o compromisso ético e se reconheçam como agentes do próprio conhecimento.



Imagem criada por inteligência artificial

Cartografia Escolar: do pioneirismo aos Multiletramentos

Neste percurso, é imperativo destacar o papel das pioneiras da Cartografia Escolar Brasileira. Reconhecemos o pioneirismo dessas geógrafas como marcos teóricos essenciais em um campo do saber onde a predominância feminina é historicamente incomum.

A fundamentação deste recurso ancora-se na concepção de letramento cartográfico, conforme as discussões de Gisele Girardi (2022), em aproximação com a ideia de multiletramento de Rodrigo Lobato (2019). Essa escolha é o que proporciona possibilidades ampliadas para a pesquisa-ação, visto que não apresenta um modelo fechado de representação espacial. Ao invés de uma cartografia fundamentalmente técnica, essa perspectiva defende a legitimidade de cognições e representações espaciais diversas, convergindo para a desconstrução de epistemicídios e permitindo que o mapa seja uma síntese crítica das vivências espaciais discentes. Como referência metodológica para a materialização dessa proposta, inspiramo-nos nas cartografias de Carolina Simon (2022), cujos trabalhos nas Geografias Feministas exemplificam o potencial político das representações espaciais.

Um Horizonte de Possibilidades Múltiplas

Reafirmamos que este embasamento teórico-metodológico não serviu para o fechamento deste recurso educacional. Longe de ser um modelo estático, o rigor aqui aplicado revelou as possibilidades múltiplas que sua replicação, em diferentes contextos e territórios, pode produzir. A pesquisa toponímica, quando aliada à autoria compartilhada, permanece um campo aberto ao devir e às novas descobertas de cada chão de escola.

Sequência didática em pesquisa-ação para análise do patriarcado inscrito na toponímia urbana

Os princípios teóricos, metodológicos e éticos apresentados até aqui se materializam na sequência didática que será descrita a seguir, realizada com uma turma do sétimo ano do Ensino Fundamental - Anos Finais, em uma escola pública de ensino integral, localizada no bairro Barreto, em Niterói-RJ. Essa proposta foi construída em diálogo constante com as(os) estudantes e com a realidade escolar em que se insere.

Antes de sua apresentação, é importante ressaltar que este recurso educacional pode ser recriado em diferentes contextos, considerando as condições materiais, culturais e institucionais de cada escola. A partir disso, as atividades aqui descritas foram desenvolvidas com o apoio de diversos materiais e recursos — como equipamentos de projeção para exibição de vídeos, materiais escolares para construção de instrumentos de coleta (como urna e cédulas), acesso a ambientes digitais para o mapeamento e utilização de diferentes espaços da escola —, os quais não devem ser compreendidos como exigências para sua realização, mas como possibilidades entre muitas outras.

A proposta pode — e deve — ser recriada a partir das possibilidades de cada realidade. O uso de tecnologias digitais, por exemplo, pode ser substituído por representações cartográficas manuais; a exibição de materiais audiovisuais pode dar lugar a narrativas orais ou outras estratégias pedagógicas. Essa abertura dialoga diretamente com a compreensão da Cartografia como linguagem plural.

No que se refere ao levantamento dos dados toponímicos, é importante explicitar os caminhos metodológicos adotados, de modo a viabilizar a replicação

da proposta em diferentes contextos. No caso do município de Niterói, os dados foram obtidos por meio do Sistema de Informações Geográficas da prefeitura (SIGEO), que disponibiliza, em formato aberto, informações detalhadas sobre os logradouros, incluindo nome, localização e ato legal de nomeação. Esse recurso permitiu a realização de análises mais aprofundadas, inclusive de caráter temporal.

Cabe destacar, que a ausência de sistemas semelhantes em outros municípios não inviabiliza a proposta. Como alternativa, pode ser utilizada a ferramenta BuscaCEP, disponível no *site* dos Correios, que permite o acesso aos nomes de logradouros em âmbito nacional. Embora com menor nível de detalhamento, essa ferramenta possibilita o desenvolvimento de análises toponímicas consistentes, sendo uma estratégia viável, mas que exige acesso à internet.

Contudo, mais do que reproduzir procedimentos, este recurso convida professoras e professores a reinterpretar a proposta, mantendo seus princípios centrais: o protagonismo discente, a construção coletiva do conhecimento e a leitura crítica do espaço. É nesse horizonte que a sequência didática a seguir deve ser compreendida.

Aplicação da sequência didática

A sequência didática está estruturada em oito encontros articulados, que se desenvolvem de forma progressiva, partindo da sensibilização inicial até a sistematização, socialização e reflexão dos resultados. Cada encontro apresenta, em sua primeira parte, os objetivos, justificativas e orientações para aplicação, seguido do relato da experiência vivida, no qual se evidenciam as mediações pedagógicas e os deslocamentos produzidos ao longo do processo.

Encontro 1 - Sensibilização: corpo, espaço e desigualdades

Quadro de planejamento

Etapa	Sensibilização sobre patriarcado, gênero e espaço.
Justificativa	Compreender o espaço como construção social exige partir da experiência vivida. Essa etapa permite identificar desigualdades antes da análise toponímica.
Objetivos	• Reconhecer desigualdades de gênero no cotidiano; • Relacionar corpo, espaço e liberdade; • Introduzir patriarcado e toponímia.
Atividades	• Roda de conversa: Debate sobre circulação e medo no território; • Problemática da Invisibilidade: Discussão sobre a sub-representação feminina na paisagem; • Cine-debate: Exibição do curta-metragem Acorda Raimundo, acorda! e da campanha Invisible Players (ESPN Brasil); • Análise Socioespacial: Debate sobre trabalho doméstico e de cuidado como camadas de dominação.
Pontos de Atenção	• Escuta Sensível: Garantir um ambiente de escuta segura para os relatos das(os) estudantes; • Valorização da Voz: Validar as vivências discentes como ponto de partida acadêmico; • Mediação Ética: Articular os relatos pessoais com os conceitos de dominação material e simbólica.

Desenvolvimento da atividade

O primeiro encontro foi marcado por um exercício de escuta sensível que rapidamente deslocou a atividade de um plano abstrato para uma dimensão profundamente vivida. Ao serem convidadas(os) a refletir sobre sua relação com o espaço, as estudantes trouxeram relatos contundentes sobre medo, insegurança e restrições à circulação, evidenciando que o direito de ir e vir não se realiza de forma igual para todas e todos.

Chamou atenção o fato de que esses relatos não se restringiram ao espaço urbano mais amplo, mas incluíram o interior da própria escola, como no caso do vestiário, mencionado como um lugar de desconforto. Esse ponto foi especialmente significativo, pois revelou que as desigualdades de gênero não estão distantes da realidade escolar, mas atravessam o cotidiano estudantil.

À medida que as falas emergiam, foi possível perceber que o espaço começava a ser compreendido não como algo neutro, mas como uma construção social marcada por relações de poder. Esse movimento foi ampliado quando o debate incorporou a sub-representação feminina em espaços institucionais, como o Congresso Nacional, permitindo que as(os) estudantes articulassem suas experiências a estruturas mais amplas.

A exibição de *Acorda Raimundo, acorda!* e *Invisible Players* intensificou o debate sobre trabalho doméstico e trabalho de cuidado, com estudantes reconhecendo essas dinâmicas em suas próprias famílias.

Ao final do encontro, já se percebia um deslocamento importante: as(os) estudantes passaram a reconhecer que as desigualdades de gênero também se expressam no espaço, estabelecendo uma base sensível e crítica que sustentaria todo o percurso da sequência didática.

Encontro 2 - Sensibilização e diagnóstico: problematização das compreensões discentes sobre gênero e toponímia

Quadro de planejamento

Etapas	Ampliação da estratégia de sensibilização e levantamento diagnóstico.
Justificativa	Compreender como as(os) estudantes percebem gênero e toponímia antes da intervenção.
Objetivos	• Identificar percepções sobre patriarcado; • Analisar noções de desigualdade espacial; • Levantar referências toponímicas.
Atividades	• Aplicação de questionário diagnóstico; • Sistematização de relatos sobre as questões de gênero e toponímia; • Discussão coletiva dos resultados.
Pontos de Atenção	• Garantir condições para respostas livres, sem interferência ou constrangimento; • Mediar conflitos e discursos sensíveis.

Desenvolvimento da atividade

A aplicação do questionário representou um momento central de consolidação da sensibilização. Composto por questões objetivas e discursivas, o instrumento abordou, inicialmente, as desigualdades de gênero no cotidiano, incluindo a divisão de tarefas domésticas, o trabalho de cuidado e as experiências de circulação pela cidade. As respostas evidenciaram que tais desigualdades são vividas de forma concreta, especialmente pelas meninas, que relataram restrições de liberdade e insegurança no uso do espaço urbano, confirmando que o patriarcado se manifesta tanto no ambiente familiar quanto nas práticas espaciais.

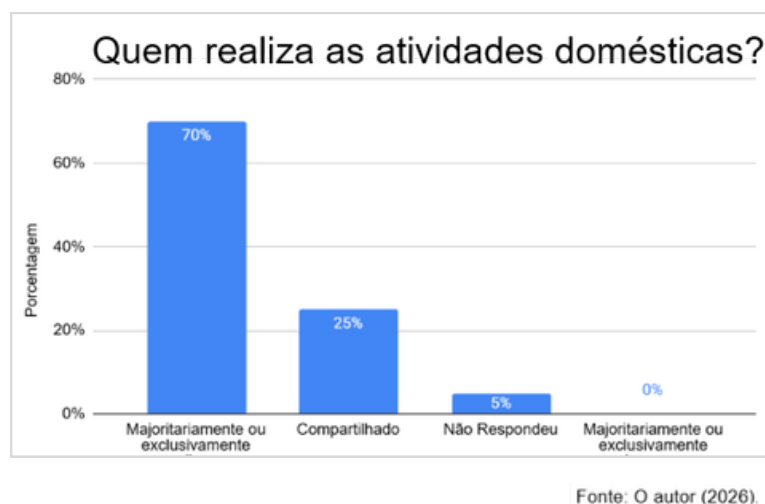
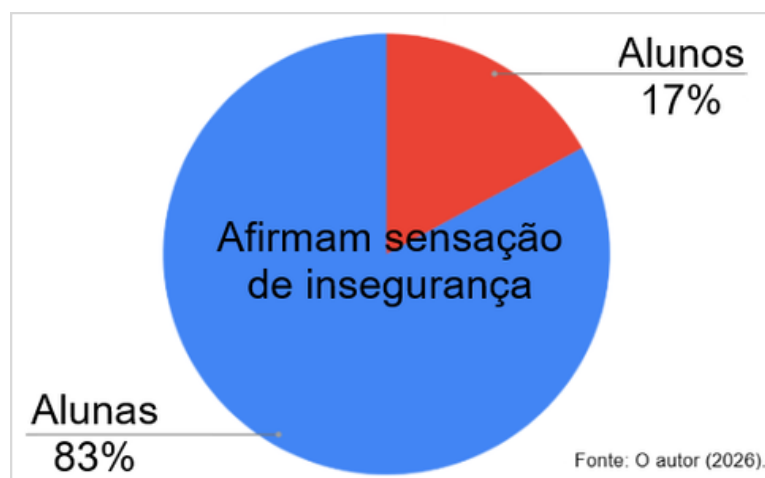
Na parte final do questionário, a toponímia foi introduzida a partir da vivência das(os) estudantes, com questões sobre os nomes das ruas onde residem e a identificação de homenagens masculinas ou femininas. Os resultados já indicavam a predominância de nomes masculinos. Quando convidadas(os) a propor novos nomes, muitas(os) estudantes sugeriram mulheres do convívio familiar, especialmente mães, associando-as ao trabalho e ao cuidado, como forma de reconhecimento. Esse dado evidenciou que, embora as mulheres sejam valorizadas no espaço privado (espaços de confinamento), sua presença permanece pouco projetada no espaço público (espaços de constrangimento).

Durante a atividade, buscou-se garantir condições para respostas livres, assegurando a autonomia discente. Nesse contexto, emergiu um episódio particularmente relevante para a análise: um estudante respondeu ao questionário duas vezes — inicialmente de forma identificada e, posteriormente, utilizando o formulário de outro colega, registrando respostas misóginas.

É importante destacar que essa situação não foi debatida com a turma, sendo tratada no âmbito analítico da pesquisa. Ainda assim, revelou uma dimensão significativa: a percepção de anonimato pode favorecer a manifestação de discursos violentos e discriminatórios. Essa dinâmica dialoga diretamente com o ambiente virtual, amplamente frequentado pelas(os) estudantes, no qual discursos de ódio e misoginia se tornam mais recorrentes, favorecidos pela sensação de ausência de responsabilização.

A sistematização das respostas permitiu identificar padrões recorrentes e orientar o desenvolvimento das etapas seguintes da sequência didática. Dessa forma, o questionário cumpriu não apenas uma função diagnóstica, mas também formativa, ampliando a compreensão das(os) estudantes sobre as relações entre gênero, espaço e poder.

Os gráficos a seguir expressam dados da pesquisa:



Encontro 3 - Coleta de dados: protagonismo, engajamento e coautoria

Quadro de planejamento

Etapas	Levantamento empírico colaborativo.
Justificativa	O levantamento de dados amplia o rigor da análise e fortalece as autorias discentes.
Objetivos	• Coletar dados toponímicos; • Desenvolver autonomia investigativa; • Fortalecer coautoria.
Atividades	• Construção de urna; • Elaboração de cédulas; • Coleta em outras turmas.
Pontos de Atenção	• Ética: Garantir o sigilo dos endereços do corpo discente analisado; • Sistemática: Organizar a coleta e a apuração dos dados de forma rigorosa; • Pertencimento: Valorizar o sentimento de ser parte de uma pesquisa acadêmica.

Desenvolvimento da atividade

O terceiro encontro teve elevado nível de envolvimento das(os) estudantes, que assumiram efetivamente o papel de pesquisadoras(es). A construção da urna, a elaboração das cédulas e a ida às demais turmas transformaram a atividade em um processo coletivo e dinâmico.

A circulação pela escola, o contato com outras turmas e a explicação da proposta geraram entusiasmo visível. As(os) estudantes demonstraram organização e responsabilidade com o sigilo das informações, evidenciando o desenvolvimento de uma postura investigativa.

Tal envolvimento foi sintetizado na fala de uma estudante: “estou orgulhosa de ser parte de uma pesquisa de mestrado”. Essa declaração revela não apenas satisfação, mas um profundo sentimento de pertencimento e reconhecimento. A atividade deixou de ser apenas uma tarefa escolar e passou a ser percebida como participação em uma produção científica.

A coleta ampliou significativamente o universo da pesquisa, incorporando diferentes bairros e municípios, o que enriqueceu a análise posterior e reforçou o caráter coletivo e autoral do processo.

Confecção da urna para a coleta das cédulas com os endereços discentes.



Fonte: O autor (2025).

Encontro 4 - Análise do território: toponímia e desigualdade no Barreto

Quadro de planejamento

Etapas	Análise da toponímia do bairro Barreto, em Niterói.
Justificativa	Relacionar a teoria com a realidade concreta do território onde a escola está inserida.
Objetivos	• Identificar desigualdades de gênero na toponímia local; • Compreender a hierarquia espacial (vias principais e secundárias); • Relacionar a materialidade do espaço ao patriarcado.
Atividades	• Levantamento de logradouros do bairro; • Classificação dos nomes por gênero; • Análise quantitativa e qualitativa.
Pontos de Atenção	• Ir além dos números; • Observar localização e hierarquia viária.

Desenvolvimento da atividade

A análise da toponímia do bairro Barreto representou um momento de consolidação da leitura crítica do espaço. Os dados quantitativos já indicavam uma forte desigualdade, com predominância de homenagens masculinas.

No entanto, foi a análise qualitativa que produziu maior impacto. As(os) estudantes observaram que os nomes masculinos estavam, em geral, associados às vias de maior centralidade e circulação, enquanto as homenagens femininas apareciam predominantemente em ruas secundárias, muitas vezes sem saída ou com menor visibilidade no tecido urbano. Além disso, a recorrente ausência de sobrenome e o uso de diminutivos — como no caso da rua Belinha — evidenciaram formas de menor formalização e institucionalização dessas homenagens, frequentemente vinculadas a uma escala local e a registros menos prestigiados da memória urbana municipal.

A partir dessa análise, as(os) estudantes passaram a compreender que o patriarcado se inscreve materialmente na paisagem urbana, estruturando não apenas quem é lembrado, mas também onde e como essa memória se materializa.

A tabela a seguir demonstra a apuração dos dados:

Topônimos do bairro Barreto			
Logradouro	Classificação (Maria V. Dick, 1990)	Gênero	Hierarquia viária
Travessa Madame Pacheco	Axiotopônimo	Feminino	Local (com saída)
Travessa Belinha	Antropotopônimo	Feminino	Local (sem saída)
Travessa N. Sra. da Conceição	Hagiotopônimo	Feminino	Local (sem saída)

Nota: O levantamento completo reuniu 80 registros de logradouros.

Fonte: O autor (2025).

Encontro 5 - Análise toponímica dos endereços do corpo discente

Quadro de planejamento

Etapa	Organização, classificação e análise dos dados toponímicos
Justificativa	A análise dos dados coletados permite transformar o levantamento empírico em conhecimento crítico, evidenciando padrões de desigualdade e fortalecendo o protagonismo investigativo.
Objetivos	. Organizar e sistematizar os dados coletados; . Identificar padrões de gênero na toponímia; . Desenvolver leitura crítica da nomeação dos logradouros; . Relacionar toponímia, memória e poder.
Atividades	. Organização da base de dados (cédulas coletadas); . Inclusão dos endereços das(os) próprias(os) estudantes; . Identificação de duplicidades e registros incompletos; . Análise quantitativa e qualitativa dos dados; . Comparação com a análise do bairro Barreto.
Pontos de Atenção	. Manter fidelidade aos dados coletados . Valorizar o protagonismo discente na análise . Estimular leitura crítica para além dos números

Desenvolvimento da atividade

O quinto encontro foi dedicado à análise toponímica dos dados coletados junto ao corpo discente, consolidando a pesquisa-ação em sua dimensão investigativa. As(os) estudantes retomaram as cédulas coletadas nas turmas anteriores e organizaram a base de dados, mantendo-se nos mesmos grupos responsáveis pela coleta, o que garantiu continuidade e apropriação do processo.

Além dos registros das demais turmas, foram incluídos os endereços das(os) próprias(os) estudantes, ampliando o universo empírico da investigação. A base construída reuniu 153 logradouros, distribuídos entre municípios como Niterói, São Gonçalo, Rio de Janeiro, Itaboraí e Maricá, ampliando a escala da análise.

Durante a sistematização, identificaram-se duplicidades — decorrentes de estudantes que residem em ruas com a mesma denominação.. Esses dados foram mantidos, evidenciando o compromisso com o rigor científico e com a fidelidade ao processo de coleta.

A classificação dos topônimos, com base na taxonomia de Maria Vicentina do Amaral Dick, revelou a predominância de antropotopônimos (relativos aos nomes próprios) e uma expressiva desigualdade de gênero: a maioria das homenagens é destinada a homens, enquanto a presença feminina aparece de forma significativamente reduzida, reproduzindo o padrão já observado no bairro Barreto.

A análise qualitativa aprofundou essa leitura ao evidenciar dimensões importantes dos topônimos que homenageiam mulheres. As(os) estudantes identificaram, por exemplo, a recorrência de vínculos familiares associados a clãs políticos, a presença de nomes relacionados à religiosidade — especialmente de tradição católica — e referências ao estado civil, como no uso do

termo “madame”. Esses elementos revelam formas específicas de reconhecimento feminino, marcadas por relações de dependência e pertencimento familiar.

Nos axiotopônimos (relativos aos títulos e dignidades), a assimetria mostrou-se ainda mais evidente: “doutor” aparece totalmente associado a homens, enquanto as poucas ocorrências femininas concentram-se na religiosidade e em funções ligadas ao cuidado e à educação. Isso permitiu problematizar: reconhecimento público, divisão sexual do trabalho e produção do espaço.

Situações de dúvida, como no caso do nome “Euzir”, mobilizaram a investigação autônoma das(os) estudantes, que recorreram a bases de dados Nomes do Brasil - IBGE, evidenciando rigor científico e protagonismo investigativo.

A comparação com os dados do bairro Barreto reforçou a compreensão de que a desigualdade observada não é localizada, mas estrutural, evidenciando a persistência de padrões de valorização masculina na toponímia urbana.

Ao final, as(os) estudantes demonstravam uma leitura mais sofisticada do espaço, reconhecendo a toponímia como campo de disputa simbólica. Essa etapa foi fundamental para a transição ao mapeamento, quando os dados passaram a ser espacialmente representados.

Sistematização dos dados toponímicos



Fonte: O autor (2025).

Encontro 6 - Mapeamento: vivência, tecnologia e rigor científico

Quadro de planejamento

Etapas	Construção de mapas digitais colaborativos.
Justificativa	Transformar dados em linguagem espacial.
Objetivos	. Desenvolver cognições espaciais através da cartografia digital; . Representar visualmente as desigualdades de gênero mapeadas; . Utilizar ferramentas de Geotecnologia (Google My Maps).
Atividades	. Inserção e validação dos dados no Google My Maps; . Construção de dois mapas: Bairro Barreto e Endereços do Corpo Discente; . Localização e espacialização do lugar de vivência (casa/rua).
Pontos de Atenção	. Validação: Realizar nova conferência para garantir o rigor investigativo; . Estimular leitura crítica para além dos números.

Desenvolvimento da atividade

O mapeamento digital foi recebido com grande entusiasmo pelas(os) estudantes. Ao acessar o Google My Maps, muitas(os) buscaram suas casas e ruas, evidenciando a forte conexão entre a atividade e a vivência do lugar. Esse movimento revelou a potência da proposta na construção de cognições espaciais, pois os dados analisados passaram a ser visualizados no espaço vivido.

A atividade resultou na construção de dois mapas distintos e complementares: um referente ao bairro Barreto, território onde a escola está inserida, e outro composto pelos dados do corpo discente. Essa distinção permitiu a compreensão da desigualdade toponímica em diferentes contextos espaciais.

O rigor do processo investigativo identificou a não ocorrência topônimos inventados nas cédulas coletadas, demonstrando o engajamento discente na pesquisa.

A construção dos mapas foi vivida como um momento de valorização. As(os) estudantes se reconheceram como pesquisadoras(es), apropriando-se do processo e de seus resultados, fortalecendo o vínculo entre produção de conhecimento e experiência vivida.

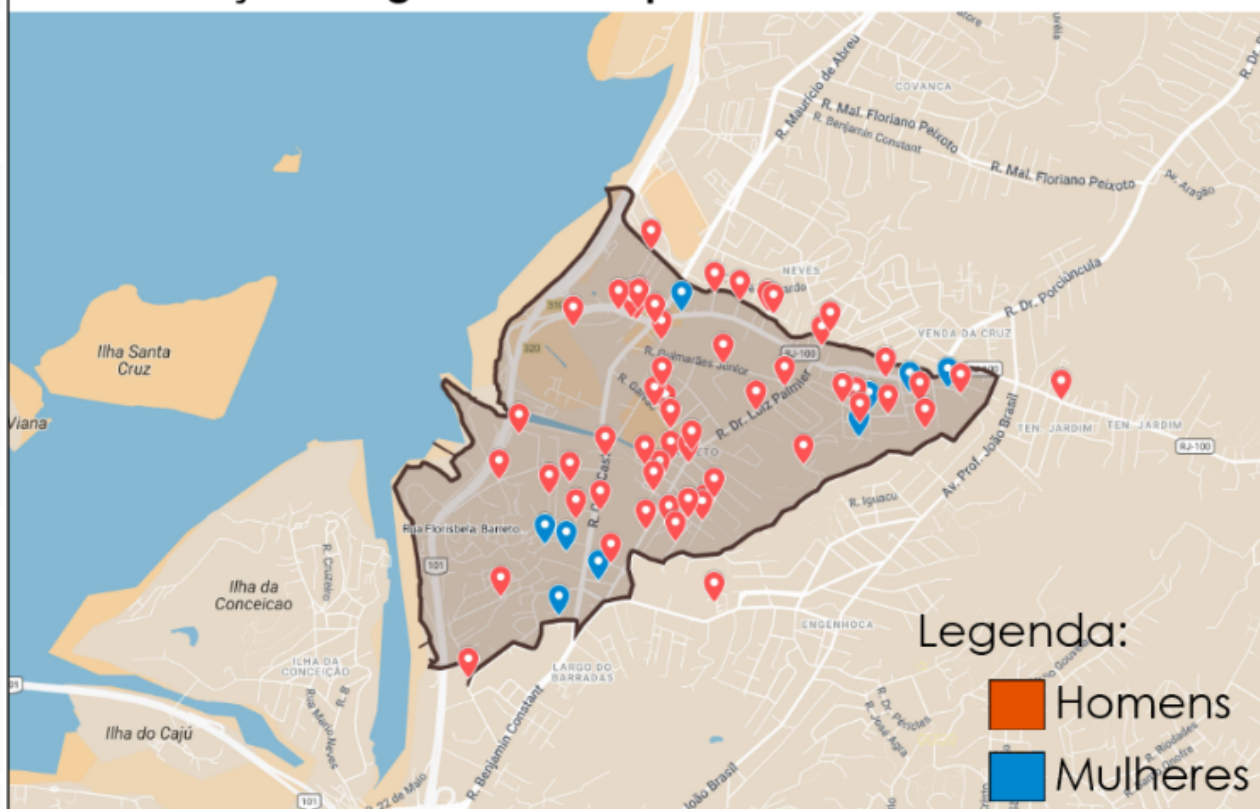
Mapeamento dos topônimos



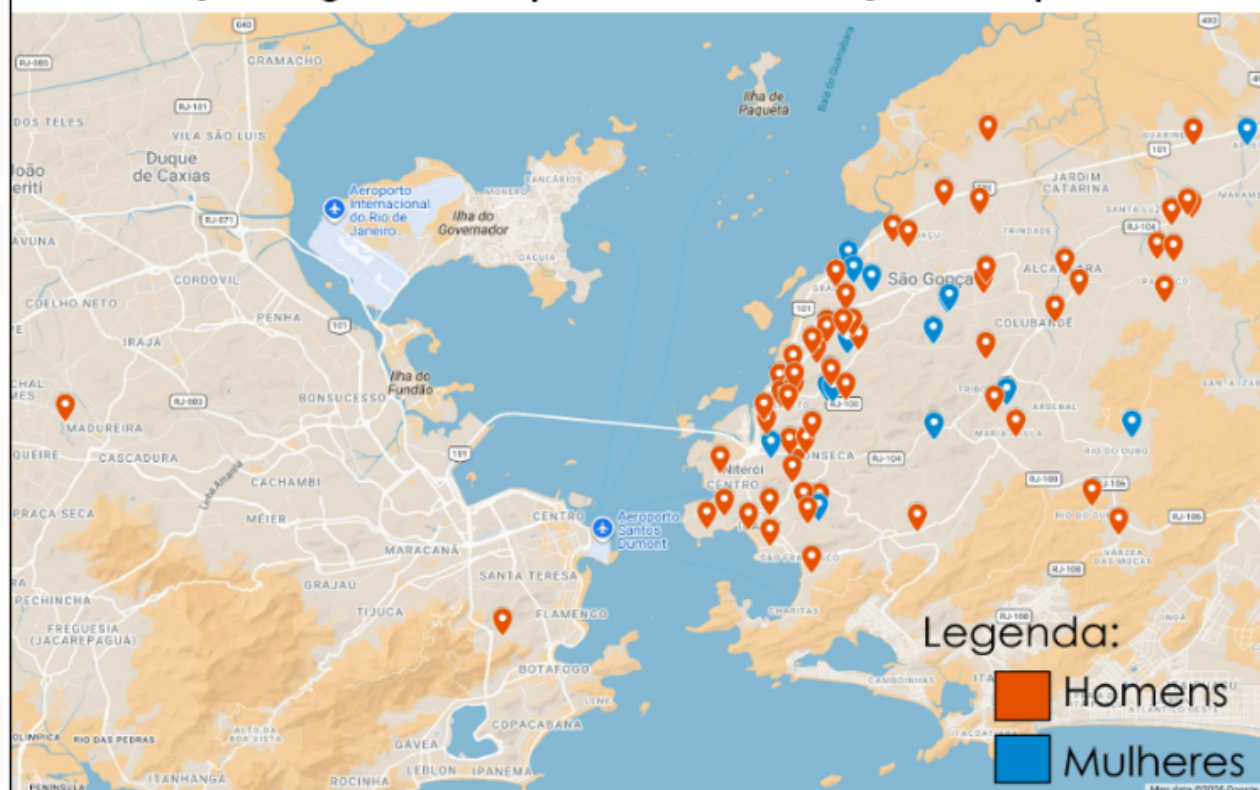
Fonte: O autor (2025).

Mapas produzidos

Classificação de gênero na toponímia do Barreto, Niterói-RJ



Classificação de gênero na toponímia dos endereços do corpo discente



Encontro 7 - Rebatismo simbólico: novas representações do espaço

Quadro de planejamento

Etapa	Proposição de novos nomes para logradouros.
Justificativa	Estimular a capacidade de propor novas representações e intervir criticamente sobre a realidade estudada.
Objetivos	. Questionar desigualdades; . Propor novas representações; . Valorizar figuras femininas.
Atividades	. Incentivo à pesquisa sobre a(o) homenageado escolhido; utilização de aparelhos celulares. . Criação/sugestão de novos topônimos; . Produção de placas simbólicas, sem exigência de padronização formal.
Pontos de Atenção	. Discutir a representatividade dos topônimos; . Estimular escolhas conscientes; . Identificar escolhas que tensionam racismo e intolerância religiosa.

Desenvolvimento da atividade

A atividade de rebatismo simbólico revelou os efeitos da sensibilização inicial. As(os) estudantes passaram a propor nomes femininos e, de maneira significativa, optaram por nomear avenidas, e não apenas ruas ou travessas.

Essa escolha evidenciou não apenas a compreensão da hierarquia viária, mas também uma intencionalidade de valorização simbólica. Entre as propostas, destacaram-se : Avenida Rita Lee, Rua Marta Vieira da Silva, Rua Maria Filipa, Avenida Berta Lutz, Rua Maria da Penha e Avenida Marielle Franco, esta última com mais de uma ocorrência.

As propostas indicaram que as(os) estudantes ultrapassaram a identificação da desigualdade, passando a intervir criticamente sobre ela, ao propor novas formas de reconhecimento e representação no espaço urbano. Além disso, algumas escolhas ampliaram ainda mais o escopo das reflexões, como no caso da Avenida José Pilintra, que não tensiona pontualmente as desigualdades de gênero, mas problematiza questões relacionadas ao racismo religioso, evidenciando a potência do processo formativo na produção de leituras críticas interseccionais do espaço por meio da toponímia.

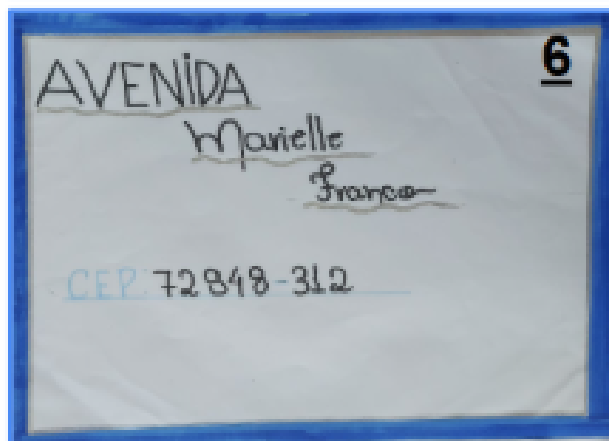
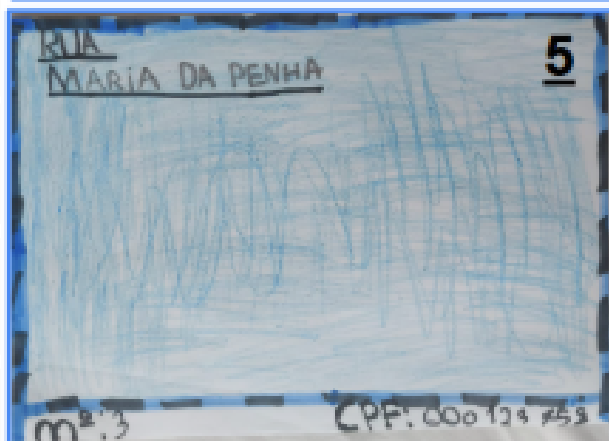
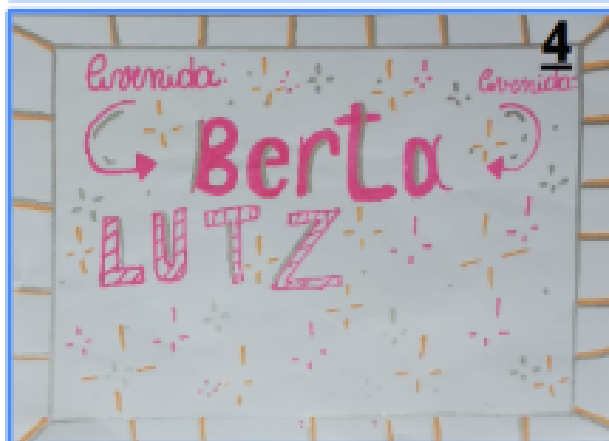
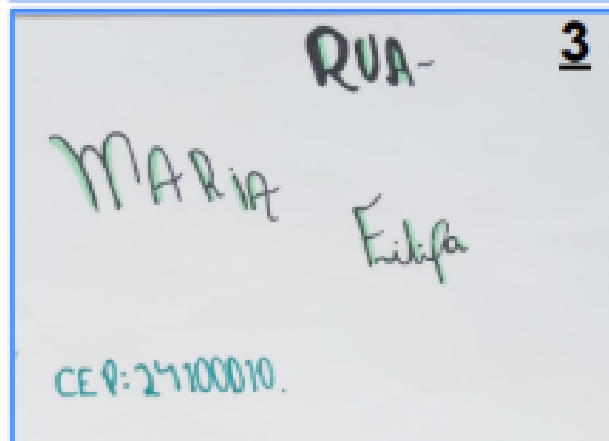
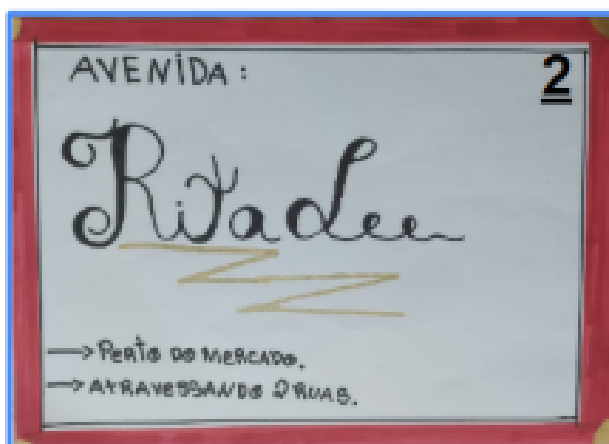
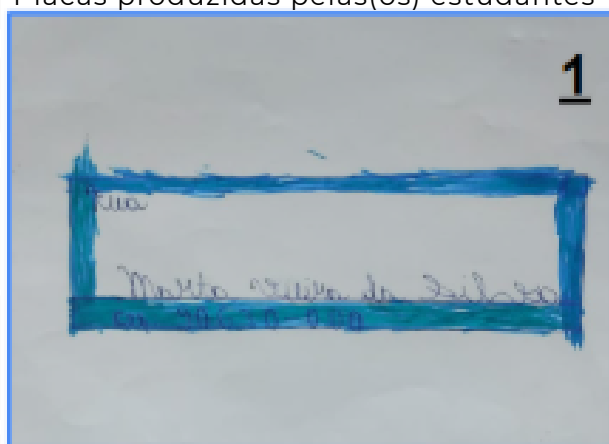


Imagem criada por inteligência artificial

Placas da atividade “Rebatismo”

Homenagens propostas: Rua Marta Vieira da Silva (atleta de futebol); 2) Avenida Rita Lee (cantora); 3) Rua Maria Felipa (liderança histórica negra); 4) Avenida Bertha Lutz (ativista feminista); 5) Rua Maria da Penha (ativista feminista); 6) Avenida Marielle Franco (política; ativista feminista e dos direitos humanos).

Placas produzidas pelas(os) estudantes



Fonte: O autor.

Não é só um nome numa placa de rua!

CartaCapital

Placas para Marielle: direito à memória e reescrita da história

Marielle fez com que muitos fossem absorvidos por uma tomada de consciência

POR PAULO FERNANDO SOARES PEREIRA

19.03.2021 09H32



Fonte: Adaptado de CartaCapital (2021).

O espaço geográfico não é neutro, seja em sua dimensão material ou simbólica

A toponímia inscreve as disputas de poder (re)produzidas espaço geográfico

CartaCapital

Dupla bolsonarista reedita imagem com placa quebrada de Marielle Franco

Daniel Silveira e Rodrigo Amorim posaram com um pedaço da placa emoldurado no gabinete do deputado estadual.

POR MARINA VERENICZ

08.03.2022 11H14



Fonte: Adaptado de CartaCapital (2022).

Encontro 8 - Socialização: apresentação e reconhecimento

Quadro de planejamento

Etapas	Divulgação dos resultados e encerramento da pesquisa-ação.
Justificativa	Valorizar a autoria discente e consolidar aprendizagens
Objetivos	• Apresentar os resultados para a comunidade escolar; • Promover o reconhecimento do trabalho acadêmico realizado; • Ampliar o debate sobre gênero e cidade para além da sala de aula.
Atividades	• Apresentação dos mapas e das placas produzidas; • Exposição dos trabalhos em área de grande circulação da escola.
Pontos de Atenção	• Protagonismo: Garantir que as(os) estudantes liderem a apresentação; • Subjetividade: Valorizar sentimentos de importância e pertencimento.

Desenvolvimento da atividade

A socialização dos resultados oportunizou um momento de síntese e reconhecimento. As(os) estudantes apresentaram seus mapas, análises e propostas com segurança e envolvimento. A fala de uma estudante sintetiza esse processo: “me senti importante”.

Essa declaração evidencia o impacto da experiência, revelando que a participação na pesquisa promoveu pertencimento, valorização e reconhecimento.

O encontro final reafirma o potencial da Geografia Escolar como espaço de produção de conhecimento crítico, no qual as(os) estudantes se reconhecem como agentes ativos na leitura e transformação do espaço.



Considerações finais

O percurso apresentado neste recurso educacional evidencia que a análise da toponímia urbana, articulada à pesquisa-ação e ao protagonismo e autoria discente, ultrapassou sua função didática inicial e se consolidou como um potente instrumento de leitura crítica do espaço.

Ao longo dos encontros, a nomeação dos logradouros deixou de ser compreendida como um dado naturalizado para ser reconhecida como expressão de relações de poder, com destaque para o patriarcado, que produzem visibilidades, silenciamentos e hierarquias.

A cidade, nesse sentido, revelou-se como um texto que ensina, cotidianamente, quem merece ser lembrado e quem permanece à margem da memória pública. A baixa representatividade feminina identificada — tanto no bairro Barreto quanto nos endereços do corpo discente — não se configurou como um dado isolado, mas como evidência de uma lógica estrutural que organiza o espaço urbano no plano simbólico e material.

Mais do que identificar desigualdades, a experiência demonstrou a potência da escola como espaço de transformação. A pesquisa-ação, ao envolver as(os) estudantes em todas as etapas — da coleta à análise, do mapeamento à proposição de novos nomes —, possibilitou a construção de um conhecimento coletivo, situado e eticamente comprometido. As(os) estudantes não apenas aprenderam conceitos, mas produziram interpretações, tensionaram naturalizações e se reconheceram como sujeitas(os) capazes de intervir no espaço.

As falas discentes evidenciam esse deslocamento. Assim, os relatos iniciais sobre medo e restrições à circulação se direcionaram para narrativas e posicionamentos críticos e potencialmente transformadores.

A afirmação “me senti importante” sintetiza um dos efeitos mais significativos da experiência: o reconhecimento da própria voz na produção do conhecimento.

Do ponto de vista docente, o percurso também implicou deslocamentos. Assumir a pesquisa-ação como postura epistemológica significou construir o conhecimento em diálogo, a partir de uma escuta sensível e de uma abertura ao inesperado. Isso reafirma que o conhecimento geográfico não é neutro, mas situado, relacional e politicamente carregado.

Este recurso educacional, portanto, não se apresenta como um modelo fechado, mas como um percurso possível. Sua potência reside na capacidade de adaptação a diferentes contextos, respeitando as especificidades de cada escola e de cada grupo de estudantes. A abertura aos multiletramentos e às decisões coletivas reforça esse caráter processual.

A toponímia revela-se, assim, um campo fértil para a Geografia. Sua análise permite não apenas compreender a cidade, mas questioná-la e, simbolicamente, transformá-la. Ao propor novos nomes e produzir mapas críticos, as(os) estudantes demonstraram que o espaço é também um campo de disputa e reinvenção.

Dessa forma, este trabalho reafirma o compromisso do ensino de Geografia com a justiça social e territorial, que reconhece o espaço como construção social e reafirma a escola como lugar de produção de saberes.

Se há uma contribuição central neste percurso, ela reside na demonstração de que é possível articular rigor teórico, sensibilidade metodológica e compromisso ético em práticas pedagógicas que não apenas explicam o mundo, mas contribuem para sua transformação.

Pois, afinal, nomear é também disputar a inscrição do espaço em permanente devir. E ensinar Geografia pode ser, sobretudo, um ato de transformação.

Referências

BARBOSA, Ana Carolina Santos. Corpo-espaço entre caminhos cis-binários: aprendizagens sobre uma geografia das opressões. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Márcio José; CHIMIN JÚNIOR, Alides Baptista (orgs.). *Corpos e geografia: expressões de espaços encarnados*. Ponta Grossa: Todapalavra, 2023. p. 504–530.

BARBOSA, Ana Carolina Santos. Por espacialidades de trans-existência: trânsitos entre os sistemas normativos e a (re)apropriação do corpo. 2019. 235 f. Tese (Doutorado em Geografia) — Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

BONDI, Liz. Gender symbols and urban landscapes. *Progress in Human Geography*, London, v. 16, n. 2, 1992.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A motivação toponímica e a realidade brasileira. São Paulo: Edições Arquivo do Estado de São Paulo, 1990.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Toponímia e antroponímia do Brasil: coletânea de estudos. 3. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas da FFLCH/USP, 1992.

FEDERICI, Silvia. O patriarcado do salário: críticas feministas ao marxismo. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da pesquisa-ação. *Educação e Pesquisa*, [S. l.], v. 31, n. 3, 2005.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pesquisa-ação pedagógica: práticas de empoderamento e participação. *Educação Temática Digital*, Campinas, SP, v. 18, n. 2, p. 511-530, abr./jun. 2016.

GIRARDI, Gisele. Mapas alternativos e educação geográfica. *PerCursos*, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 39-51, 2012.

GIRARDI, Gisele. Para que a cartografia escolar mude sem ficar a mesma coisa. *História, Natureza e Espaço*, v. 12, p. 1-20, 2022.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Tradução de Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. 176 p.

HOOKS, bell. Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática. Tradução de Bhuvli Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, bell. Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança. Tradução de Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021.

LOBATO, Rodrigo Barbosa; BRUM, Jean Luiz Simões; MENEZES, Paulo Márcio Leal. Mapeando as formas simbólicas espaciais do funk carioca das décadas de 1990 e 2000: simbolismo do lugar e a identidade nas músicas. *Geograficidade*, [S. l.], v. 8, n. esp., p. 175-187, 2018.

LOBATO, R. B. Multiletramentos na Cartografia. Qualificação de Tese de Doutorado. Departamento de Geografia. Programa de Pós-Graduação. Rio de Janeiro, 2019.

- MASSEY, Doreen. Pelo espaço: uma nova política da espacialidade. Tradução de Hilda Pareto. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MASSEY, Doreen. Space, place, and gender. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.
- MCDOWELL, Linda. Género, identidad y lugar: un estudio de las geografías feministas. Tradução de Pepa Linares. Madrid: Cátedra, 2000.
- PEREIRA, Paulo Fernando Soares. Placas para Marielle: direito à memória e reescrita da história. CartaCapital, São Paulo, 19 mar. 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opinioao/placas-para-marielle-direito-a-memoria-e-reescrita-da-historia/>. Acesso em: 10 abr. 2026.
- PERUZZO, Cicília Maria Krohling. Epistemologia e método da pesquisa-ação: uma aproximação aos movimentos sociais e à comunicação. In: COMPÓS. Anais do XXV Encontro Anual da Compós, Goiânia, 2016. p. 1-22.
- SILVA, Joseli Maria. Geografias feministas, sexualidades e corporalidades: desafios às práticas investigativas da ciência geográfica. Espaço e Cultura, [S. l.], v. 27, p. 39-56, 2010.
- SILVA, Joseli Maria. Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009.
- SILVA, Joseli Maria. Gênero e sexualidade na análise do espaço urbano. Geosul, Florianópolis, v. 22, n. 44, p. 117-134, 2007.
- SILVA, Joseli Maria. Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica. Revista de História Regional, Ponta Grossa, 2003.
- SILVA, Joseli Maria; NABOZNY, Almir; ORNAT, Marcio José. A visibilidade e a invisibilidade feminina na pesquisa geográfica: uma questão de escolhas metodológicas. Abordagens Geográficas, v. 1, n. 1, p. 23-41, 2010.
- SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José. Corpo como espaço: um desafio à imaginação geográfica. In: PIRES, Cláudia Luisa Zeferino; HEIDRICH, Álvaro Luiz; COSTA, Benhur Pinós da (orgs.). Plurilocalidade dos sujeitos: representações e ações no território. Porto Alegre: Compasso Lugar-Cultura, 2016. p. 56-75.
- SILVA, Susana Maria Veleza da. A perspectiva feminista na geografia brasileira. In: SILVA, Joseli Maria (org.). Geografias subversivas. 1. ed. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009. v. 1, p. 300-313.
- SILVA, Susana Maria Veleza da. Geografia e gênero/Geografia feminista - O que é isto?. Boletim Gaúcho de Geografia, v. 23, n. 1, p. 104-110, 1998.
- SIMON, Carolina Russo. Delegacias SP. Mapas Feministas, [2022]. Disponível em: <https://www.mapasfeministas.com.br/s%C3%A3o-paulo/delegacias-sp>. Acesso em: 11 fev. 2026.
- SIMON, Carolina Russo. Feminicídio epistemológico: práticas misóginas na geografia. Terra Livre, [S. l.], v. 2, n. 57, p. 166-189, 2022.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- THIOLLENT, Michel. Metodologia da Pesquisa-ação. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.
- VERENICZ, Marina. Dupla bolsonarista reedita imagem com placa quebrada de Marielle Franco. CartaCapital, São Paulo, 8 mar. 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/dupla-bolsonarista-reedita-imagem-com-placa-quebrada-de-marielle-franco/>. Acesso em: 10 abr. 2026.